

Safrá 2007/08

## A retomada da soja

COM PERSPECTIVAS de novas altas no mercado, muitos produtores seguram seus estoques e a oferta não avança. Uma tática de risco para melhorar o lucro. As *tradings* e as indústrias de esmagamento, principalmente para cumprir os contratos para venda externa, fazem um completo rastreamento para adquirir produto. Em termos de região, a maior oferta virá da Região Sul, onde a disponibilidade de produto ainda é grande.

Diante desse cenário, a soja prossegue como a principal aposta dos produtores em rentabilidade na safra 2007/08. A produção deverá saltar de 58,39 milhões de toneladas para até 63 milhões de toneladas. O preço do grão rompeu a barreira de R\$ 41 a saca no Porto de Paranaguá. O valor chega ao patamar de 2004, um excelente ano de comercialização. Na Bolsa de Chicago, o valor do bushell segue em alta espetacular, entre 91 a 94 centavos de dólar, sem sinais de arrefecimento.

Em seu relatório de oferta e demanda globais de grãos para a safra 2007/08 deste mês, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) confirma projeções anteriores: o Brasil voltará a liderar as exportações de soja em grão, com participação de 40,9%, contra 34,3% na safra anterior. Já os Estados Unidos recuam seus embarques de 43,1% para 35,4% no período. No cômputo geral, as exportações crescem para 74,99 milhões de toneladas.

Para os produtores nacionais, uma boa oportunidade de expansão. Os agricultores dos Estados Unidos estão mais interessados em produzir milho para etanol. Por sua vez, há uma demanda cada vez

maior, liderada pelos países asiáticos, com destaque para a China, cujas importações podem aumentar de 30 milhões para 34,5 milhões de toneladas.

Se a queda drástica na área plantada com soja nos Estados Unidos não mostrar previsão de reversão para o próximo ano, as cotações do grão na Bolsa de Chicago serão impulsionadas. A sojicultura ocupa 25,9 milhões de hectares neste ciclo 2007/08. O número pode sofrer pequenas alterações. Já a área ocupada com milho alcança 37,6 milhões de hectares.

Esses efeitos positivos tocam também a Argentina, cuja produção de soja bateu

recorde em 2006/07 e chegou a 47 milhões de toneladas. Sua fatia nas exportações mundiais deve ampliar-se de 10,9% para 13,6% desta temporada para a próxima. O impacto poderia ser bem maior, se o racionamento de energia no país não afetasse o ritmo das atividades de suas indústrias de processamento.

Outro ponto favorável à soja consiste no enorme aumento na demanda por oleaginosas e óleos vegetais para produção de biocombustíveis. Isso poderá trazer problemas globais. Muitas matérias-primas alimentícias estão sendo desviadas para a produção de bioenergia. A Oil

### Empecilhos no crescimento

- 1º) **Ferrugem asiática:** provocou a perda de 2,67 milhões de toneladas, equivalente a 4,5% da quantidade colhida na última safra brasileira. As estimativas da Embrapa Soja assinalam um prejuízo financeiro no período de US\$ 615,7 milhões. O custo do controle, correspondente a 2,3 aplicações de fungicida por hectare, foi de US\$ 1,58 bilhão. Com as perdas e o controle o valor alcança US\$ 2,19 bilhões.
- 2º) **Elevado custo com logística de distribuição:** afeta o escoamento de toda a produção nacional. O Centro-Oeste, grande produtor de grãos, padece com o problema da precária infra-estrutura. O preço médio estadual, em junho, correspondeu a 75% do valor cobrado no Porto de Paranaguá, onde a cotação é definida pelo preço da Bolsa de Chicago, menos o frete marítimo. A saca custava R\$ 22,50 em Rondonópolis e R\$ 29,80 em Paranaguá (PR). O gasto com transporte do norte de Mato Grosso ao Porto de Paranaguá é de US\$ 108 por tonelada, quase um terço do preço do produto.
- 3º) **Dívida dos produtores:** Proposta do Fundo de Recebíveis do Agronegócio (FRA), criado por medida provisória, para os produtores quitarem os débitos com as empresas de defensivos e de fertilizantes. Nos últimos dois anos as aplicações do crédito rural ficaram abaixo do projetado pelo Plano de Safra da Agricultura e da Pecuária do MAPA, devido à falta de renda e à baixa capacidade de aumentar o endividamento do setor.

## Pepro da soja

O Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro), que foi utilizado pelo governo como mecanismo de equalização de preços para a soja, tenderá a zero em setembro em razão da valorização da *commodity* no mercado internacional. A informação é do coordenador geral de oleaginosas e fibras do Departamento de Comercialização e Abastecimento Agrícola e Pecuário (De-agro), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Sávio Rafael Pereira.

Desde o lançamento do Pepro para a soja, em novembro do ano passado, foram utilizados em torno de 40% do valor inicialmente programado para as operações. O valor do prêmio, cujo limite máximo é de R\$ 5,46 por saca de 60 quilos pode, com a alta de preços da soja, manter-se reduzido nos próximos meses. “O que temos observado é que os prêmios vêm se reduzindo desde o final do ano passado, sendo que, em setembro de 2007 se igualou a zero para todas as regiões pro-

dutoras”, destaca Sávio Pereira. O Pepro da soja, para o economista, foi fundamental para os produtores aproveitarem as condições do mercado, ampliando a renda agrícola.

Os leilões para a safra de soja 2006/2007 foram realizados de novembro de 2006 a abril de 2007 e contemplaram cerca de 8 milhões de toneladas. O gasto inicial previsto para as operações foi de R\$ 606 milhões mas, em razão da evolução do preço da soja no mercado, o montante a ser efetivamente utilizado não deve ultrapassar R\$ 250 milhões.

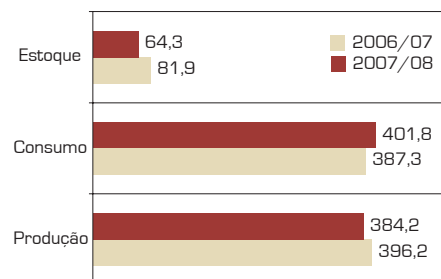
A realização de leilões de Pepro anterior à colheita foi utilizada pela primeira vez nesta safra pelo governo federal para apoiar a comercialização da oleaginosa. Para Sávio Pereira, essa inovação só pôde ser feita porque o mercado futuro da soja funciona com bastante liquidez, o que permite a prefixação de preços. O cenário positivo ao produtor de soja se deve às frequentes altas no mercado internacional e à crescente demanda pelo produto brasileiro.

## Mundo: oferta e demanda de soja (milhões de toneladas)

Indicador	2006/07	2007/08
Estoque inicial	52,93	63,07
Produção	236,04	221,27
Importação	68,16	74,94
Demanda interna	223,71	233,94
Exportação	70,35	74,99
Estoque final	63,07	50,35

Fonte: USDA setembro/2007

## Mundo: balanço dos principais óleos vegetais\* (milhões de toneladas)



Fonte: Oil World. \*Soja, canola, girassol, palma e amendoim

World aponta para estoques globais de grãos e óleos vegetais em níveis baixos históricos, suficientes para cobrir a demanda em 2007/08, mas com a necessidade de um aumento significativo nas safras de oleaginosas em 2008/09. ■



Safrá 2007/08

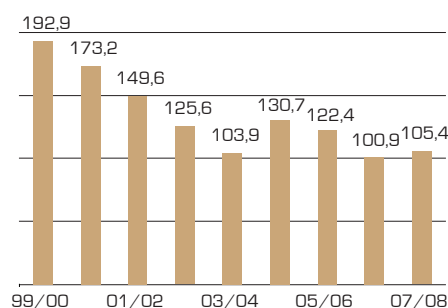
## Milho para exportação

A CRESCENTE produção de etanol nos Estados Unidos e as importações da China, Índia e União Européia dão firmeza para o milho. Mesmo com o grande aumento na produção mundial nos últimos, em especial nos Estados Unidos, os estoques mostram tendência declinante. Isso fortalece os preços na Bolsa de Chicago e reflete em todo o mundo.

No Brasil, o aumento da renda provoca maior consumo interno de carnes que, somado aos embarques de bovinos, frangos e suínos, ajuda a pressionar a cotação do cereal. A área de milho da primeira safra tende a ficar próxima da do ano passado. A soja goza da preferência do produtor, muito em função da sua melhor liquidez. Mas o milho segunda safra virá com muita força.

A Conab prevê uma queda de 19,2% para 16,8% no estoque final de milho brasileiro diante da demanda crescente no mundo. A produção da safra 2006/07

### Mundo: estoque de milho (milhões de toneladas)



Fonte: USDA

### Brasil: exportação de milho (janeiro a agosto)

Ano	Quantidade	Valor
2006	5,58 milhões de toneladas	US\$ 916,0 milhões
2007	2,45 milhões de toneladas	US\$ 293,2 milhões

Fonte: Secex

### Mundo: oferta e demanda de milho (milhões de toneladas)

Indicador	2006/07	2007/08
Estoque inicial	122,90	97,95
Produção	703,30	774,10
Importação	87,10	87,93
Demanda interna	725,24	769,62
Exportação	90,11	88,55
Estoque final	97,95	101,81

Fonte: USDA. Setembro/2007

para 2007/08 sobe de 51,07 milhões de toneladas para 55,0 milhões de toneladas. A entrada do milho safra, em grande volume, não arrefeceu os preços, diante da facilidade encontrada para escoar externamente a produção. Nas regiões de maior demanda a saca opera acima de R\$ 25,00, enquanto naquelas de maior oferta próximo a R\$ 20,00.

O Brasil deve se firmar com um grande exportador de milho. As exportações deste ano já superam o recorde 2001, de 2,4 milhões de toneladas. Até dezembro deverá passar de 10 milhões. Com quebra na colheita de 55 milhões para 48 milhões de toneladas, os europeus, com preferência de produto não-transgênico, têm adquirido milho nacional. Os EUA estão na entressafra e a Argentina está com seus contratos de fornecimento fechados.

De acordo com relatório do USDA

deste mês, a produção dos EUA foi estimada em 338,1 milhões de toneladas, contra 331,7 milhões anunciadas em agosto e 267,7 milhões colhidas no ano anterior. De uma safra para outra o incremento na produção será de 26,3%.

Com uma projeção de estoques finais nos EUA, para a safra 2007/08, em 42,56 milhões de toneladas, contra 38,5 milhões em agosto e 29 milhões no ano anterior, o USDA estima um patamar de preço entre US\$ 2,80 e US\$ 3,20 por bushel.

Apesar do movimento especulativo sobre a necessidade de aumento nos preços para o milho continuar a expandir área, isso é pouco provável. Os patamares atuais são bem competitivos. Será bem mais difícil a soja e o trigo sustentarem os níveis de preços atuais. Estimulados pela boa perspectiva de remuneração, muitos países expandiram suas áreas plantadas com essas culturas. ■

Safrá 2007/08

## Venda antecipada no algodão

COM OS preços do algodão em recuperação no mercado internacional, as vendas externas da pluma brasileira aumentam seu ritmo. A decisão dos produtores dos Estados Unidos, de reservar maior área para o plantio do milho destinado à produção de etanol, reduz o espaço ocupado não somente pela soja, mas também pelo algodão. Também a Austrália reduziu a área plantada.

Enquanto isso, há um aquecimento da demanda global devido às compras da China, Índia e Paquistão. No conjunto, o resultado é um profundo suporte para as cotações da pluma. Há um ano, em centavos por libra peso, a Bolsa de Nova York operava no intervalo de 48 a 52, e atualmente de 60 a 65. Um avanço significativo.

Em termos de balanço de oferta e demanda global, se a conjuntura era de equilíbrio na safra 2006/07, agora pesa uma série de incertezas no mercado. Diante desse cenário, muitos produtores brasileiros, acertadamente, firmam contratos de venda antecipada. Da produção da safra 2006/07, os analistas trabalham que 70% realizaram operação dessa natureza. No total, as exportações praticamente dobraram e a receita deverá ficar próxima de US\$ 750 milhões.

Na safra 2007/08, cujo plantio começa a partir de novembro, os registros de vendas externas continuam em alta. Tudo leva a crer que atingirá um número maior em relação ao ano anterior.

No ranking mundial das exportações de pluma, o Brasil ocupa o quarto posto e marcha firme sobre a posição dos EUA, principalmente depois da sua redução de área. Com uma reestruturação surpreendente na produção, de importador li-

quido nos anos noventa, o Brasil passa a exportar para mais de sessenta países.

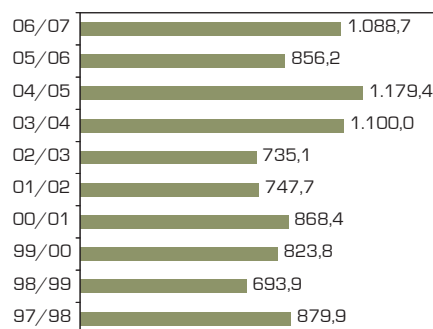
Internamente, a situação de consumo é de estagnação, em 800 mil toneladas. Diante disso, a saída é a exportação: um terço da safra projetada para a safra 2007/08 está comprometida com vendas externas. E, para a temporada 2009/10 já existem negócios fechados. Um sinal claro de que o mercado permanecerá apertado.

Os leilões de Peppo (Prêmio Equalizador Pago ao Produtor), realizados pelo

governo, tem sido um instrumento eficaz, pois garantem um preço mínimo aos produtores quando o mercado passa por baixas de preços.

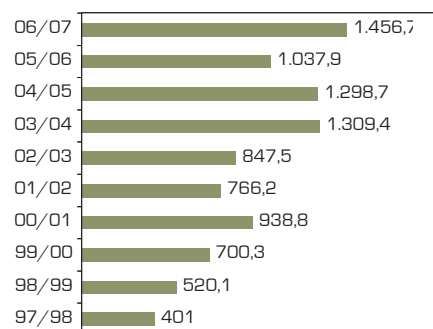
Não obstante a elevação dos preços internacionais, a forte valorização do real ante o dólar não estimula os investimentos. Além da cotonicultura ser uma atividade de custo de produção alto, os recursos necessários para aquisição de tratores e colheitadeiras, mais a infra estrutura de beneficiamento, laboratório e classificação, são grandes. ■

**Brasil: área plantada de algodão (mil hectares)**



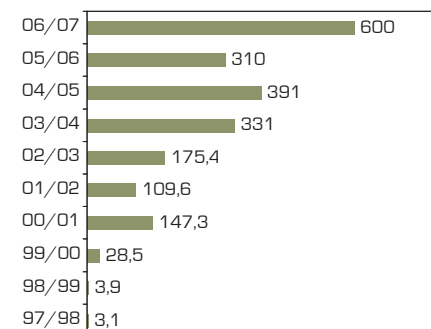
Fonte: Conab

**Brasil: produção de algodão (mil toneladas)**



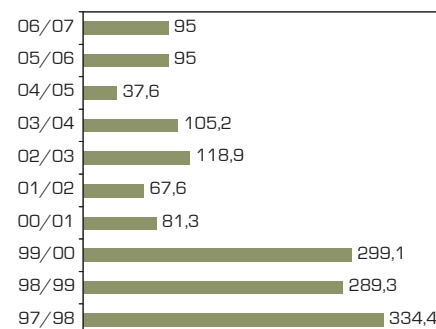
Fonte: Conab

**Brasil: exportação de algodão (mil toneladas)**



Fonte: Anea

**Brasil: importação de algodão (mil toneladas)**



Fonte: Anea

Safrá 2007/08

# Importação recorde de trigo

OS MOVIMENTOS dos preços do trigo, na prática, acompanham os das demais *commodities*, principalmente milho e soja, no ímpeto altista iniciado há praticamente um ano com a febre do etanol nos Estados Unidos.

Mas, no caso específico do produto, a baixa nos estoques mundiais deixa o mercado a mercê de muita especulação. Seus volumes estão nos níveis mais baixos desde a Segunda Guerra Mundial. Esse fato econômico é real e os preços batem recordes e se sustentam em patamares bem elevados.

O relatório deste mês do USDA traz algumas informações para dar tranquilidade ao mercado, ao confirmar a safra dos EUA em 57,5 milhões de toneladas. Isso representa 16,7% acima da colheita do ano anterior, de 49,3 milhões de toneladas. Mas, em milhões de toneladas, os estoques finais projetados são menores, em relação ao anunciado em agosto, com volume projetado para 2007/08 em 9,85, contra 11,0

**Trigo: produção mundial na safra 2007/08 (milhões de toneladas)**

Estados Unidos	57,50
Austrália	21,00
Canadá	20,30
Argentina	14,00
União Européia	121,80
China	105,00
Outros	267,64
Total	607,24

Fonte: USDA. Setembro/2007

**Mundo: oferta e demanda de trigo (milhões de toneladas)**

Indicador	2006/07	2007/08
Estoque inicial	149,16	127,76
Produção	593,07	606,24
Importação	110,64	104,11
Demanda interna	617,15	618,96
Exportação	107,96	106,91
Estoque final	127,76	112,24

Fonte: USDA. Setembro/2007

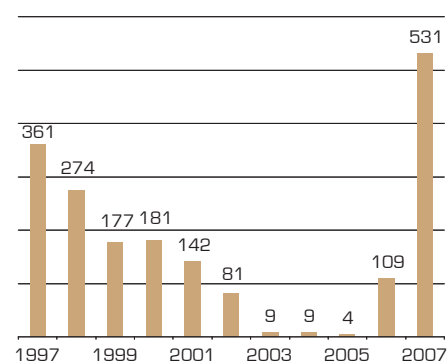
em agosto e 12,4 milhões no ano anterior e ainda 14,4 milhões em 2005/06.

O parâmetro de preços para 2007/08 está indicado entre US\$ 5,50 e US\$ 6,10 por bushel, ou seja, bem abaixo dos atuais preços em Chicago, entre US\$ 8,50 e US\$ 9,00. Nem mesmo as tensões nos mercados financeiros internacionais foram suficientes para dar alguma arrefecida nessa tendência.

A questão é se o mercado vai inclinar-se para uma reestruturação do comportamento atual em 2008. As cotações do trigo, em condições normais de oferta e demanda, tenderiam a recuar bastante no primeiro semestre do próximo ano. Pelas indicações nos contratos futuros para julho de 2008, na Bolsa de Chicago, estão cotações 25% mais baixas que as praticadas atualmente.

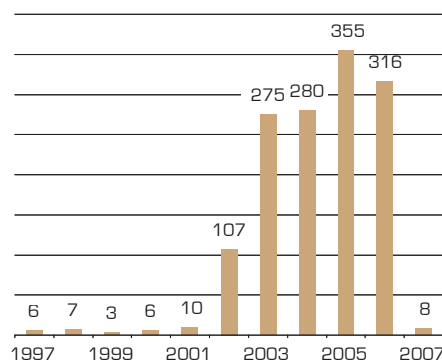
Existem fatores pontuais na presente safra do trigo que influenciam o mercado e a expectativa dos agentes atuantes na sua cadeia produtiva. Na Argentina, por

**Brasil: importação de farinha da Argentina (mil toneladas)**



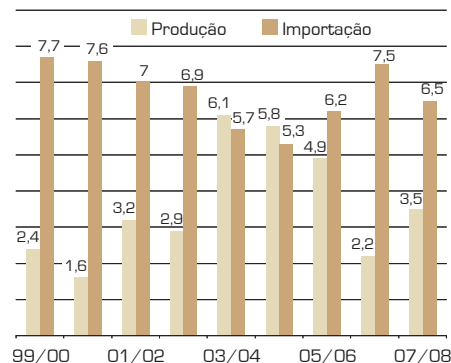
Fonte: MDIC

**Brasil: importação de pré mistura da Argentina (mil toneladas)**



Fonte: MDIC

**Brasil: produção e importação de trigo (milhões de toneladas)**



Fonte: Conab



## Manutenção da TEC

Em nota enviada à Câmara de Comércio Exterior (Camex), o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento informa que uma eventual inclusão do trigo na Lista de Exceções à Tarifa Externa Comum do Mercosul (TEC) não contribuiria para reduzir o preço do produto no mercado interno. A redução do imposto para importação do cereal não tornaria o produto mais barato que aquele produzido no Brasil ou nos países do Mercosul.

De acordo com a nota, o trigo da safra 2007/08 importado da Argentina chegaria a São Paulo cotado a R\$ 708 a tonelada. O produzido no Paraná valeria R\$ 677, enquanto o comprado dos Estados Unidos ou Canadá, ainda que sem a alíquota de importação, custaria aos moinhos R\$ 791. Assim, a redução da TEC teria um efeito inócuo para o mercado interno.

O documento afirma que uma eventual eliminação da alíquota de importação do trigo só teria validade se fosse realizada no período de entressafra. No Brasil, a colheita do cereal vai de agosto a janeiro de 2008. A nota informa que se o objetivo da medida for ajudar no controle da inflação, seria mais efetivo reduzir as tarifas de toda a cadeia produtiva: trigo em grão, farinha de pré-misturas, pães, massas e biscoitos.

A Organização das Cooperativas do Estado do Paraná posicionou-se contra a retirada dos 10% incidentes como tarifa aduaneira do Mercosul sobre o trigo procedente de países externos ao bloco, como desejam os moinhos. Naturalmente, a retirada desse percentual tenderia a reduzir os preços locais pela entrada de produto estrangeiro mais barato. Sem falar do trigo do Canadá e dos EUA, com subsídio de origem.

De outro lado, a medida não acarretaria efeito prático no mercado interno. O volume previsto para trazer de terceiros países é pequeno e não compensa por causa do frete. Não haveria uma diminuição das importações argentinas, que é o principal fornecedor de trigo para o Brasil.

de 20%, e menor para seus derivados, de 10%. Fica o risco de o governo argentino aumentar as tarifas de exportação. Isso estimularia a importação de farinha de trigo argentina. Haveria um aumento na concorrência com o produto nacional. Por causa disso, o Chile aplicou uma taxa ao cereal argentino de 33%.

Aliás, nessa questão, as indústrias brasileiras de trigo devem entrar com processo *antidumping* contra os moinhos argentinos, para questionar as exportações subsidiadas de farinha de trigo e pré-mistura para o País. A decisão foi tomada após diversas tentativas fracassadas de negociação entre o setor moageiro e o governo para barrar a entrada desses produtos da Argentina.

No mercado interno brasileiro, diante da realidade externa, os preços do trigo de qualidade continuam a subir. Os preços do trigo se equiparam hoje aos preços da soja, algo incomum do ponto de vista histórico. O normal é oscilar na faixa de 55% a 60%.

Devido à quebra na produção da temporada 2006/07, por conta de geadas e secas na Região Sul, o Brasil colherá somente 3,5 milhões de toneladas. Isso aumentou suas importações para 7,5 milhões de toneladas. Nesse cenário de medo de escassez global e alta de preços do cereal, os moinhos brasileiros antecipam as importações. ■

exemplo, a escassez do produto é a tônica neste ano, a ponto de o país ter fechado as exportações desde março passado. De uma safra de 14 milhões de toneladas, suas exportações deverão chegar a, no

máximo, 8,5 milhões de toneladas. Com o Brasil, há um compromisso de embarcar 2 milhões de toneladas.

Desde 2002, os argentinos impõem uma tarifa de exportação maior para o trigo,

